

TEORIA E PRÁTICA REVOLUCIONÁRIA EM ROSA LUXEMBURGO¹Isabel Loureiro²**Resumo**

O artigo procura esclarecer como a concepção de marxismo de Rosa Luxemburgo, que tem no centro a unidade entre teoria e prática, é herdeira de uma tensão não resolvida entre duas perspectivas, constitutivas da própria teoria de Marx: de um lado, a ideia de que a lógica do capitalismo com suas contradições o levará ao colapso, de outro a análise das lutas de classes, atravessadas pela indeterminação do agir político.

Palavras-chave: Rosa Luxemburgo; teoria e prática; protagonismo das massas; Revolução Alemã; solidariedade com todos os seres vivos.

TEORÍA Y PRÁCTICA REVOLUCIONARIAS EN LUXEMBURGO ROSADO**Resumen**

El artículo busca arrojar luz sobre cómo la concepción del marxismo de Rosa Luxemburgo, centrada en la unidad entre la teoría y la práctica, hereda una tensión no resuelta entre dos perspectivas, constitutiva de la propia teoría de Marx: por un lado, la idea de que la lógica del capitalismo con sus contradicciones conducirán a su colapso, por otro lado al análisis de las luchas de clase, atravesadas por la indeterminación de la acción política.

Palabras clave: Rosa Luxemburg; teoría y práctica; protagonismo de las masas; Revolución alemana; solidaridad con todos los seres vivos.

REVOLUTIONARY THEORY AND PRACTICE IN PINK LUXEMBOURG**Abstract**

The article seeks to shed light on how Rosa Luxemburg's conception of Marxism, centered on the unity between theory and practice, inherits an unresolved tension between two perspectives, constitutive of Marx's own theory: on the one hand, the idea that the logic of capitalism with its contradictions will lead to its collapse, on the other the analysis of class struggles, crossed by the indeterminacy of political action.

Keywords: Rosa Luxemburg; theory and practice; protagonism of the masses; German Revolution; solidarity with all living beings.

¹ Recebido em 22/11/2019. Primeira avaliação em 25/11/2019. Segunda avaliação em 12/01/2019. Aceito para publicação em 26/01/2020.

² Professora aposentada do Departamento de Filosofia da UNESP e atual colaboradora da Fundação Rosa Luxemburgo em São Paulo. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1763-5470>. E-mail: belloureiro12@gmail.com

À guisa de introdução³

Neste momento em que vivemos uma exacerbação do neoliberalismo no mundo, a ponto de vermos por todo lado a ameaças sérias à democracia, vale a pena voltar os olhos para o começo do século XX a fim de observarmos as semelhanças e também o que nos separa daquela época. Assim como hoje, aquele foi um tempo de catástrofes, convulsões e crises. Aos olhos dos socialistas, o capitalismo beirava o colapso.

Mas, como sabemos, o sistema capitalista competitivo liberal do século XIX, em virtude da destruição levada a cabo por duas guerras mundiais, acabou desembocando, no período posterior à Segunda Guerra mundial, no capitalismo gerido pelo Estado (Welfare State) e, a partir dos anos 1970/80, nesse sistema que conhecemos atualmente, o neoliberalismo financeirizado e globalizado. Este configura uma nova racionalidade que tomou conta do mundo, impondo a lógica do capital na economia, na sociedade e no Estado a ponto de se converter na própria forma da subjetividade (DARDOT, LAVAL, 2010). Ou seja, não só o capitalismo não colapsou, como foi se adaptando habilmente a cada nova crise, de tal modo que chegou a estabelecer um novo modo de vida.

A dificuldade de continuar a acumulação de capital como em épocas anteriores – o que implica crises recorrentes – obrigou a uma metamorfose do neoliberalismo, que, com Dardot e Laval (2019), podemos chamar de “novo neoliberalismo”. Este se caracteriza como um modo de governar pela crise: o capital se alimenta de suas próprias crises, reforçando a lógica da acumulação para combatê-las. Se uma medida de austeridade não funciona, se continua inexistindo acumulação e, portanto, não há crescimento, é preciso redobrar a dose de austeridade.

Como isso gera resistências,⁴ os governos neoliberais abrem mão de sua face liberal e democrática e tornam-se cada vez mais autoritários, usando a violência do Estado contra as parcelas da população que se opõem a suas políticas de

³ Texto apresentado no “Seminário teoria e prática em Rosa e Gramsci”, em 19 de agosto de 2019, na FACED/UFC.

⁴ A eleição de governos de extrema-direita pelo mundo afora foi o resultado mais surpreendente (para a esquerda governamental) dessa oposição a um sistema que só gerou desigualdade crescente. Os perdedores da globalização – as classes modestas que perderam seus meios de vida, negligenciadas e humilhadas pelas elites cosmopolitas, que veem esse povo miúdo como atrasado, racista, xenófobo, misógino, etc. – voltam a fazer política, votando nos populistas autoritários, que se apresentam como antissistema.

austeridade, prendendo ou exterminando os recalcitrantes. Para levar adiante suas políticas de extermínio, utilizam a seu favor o ressentimento gerado nessas populações desassistidas e dirigem-no contra bodes expiatórios, mobilizando para isso a mídia e as milícias digitais.⁵

No Brasil, a este esquema geral temos que acrescentar as cores locais: a ditadura que não acabou – seus crimes não foram punidos, os torturadores não foram condenados, a polícia militar não foi extinta –, além da formação autoritária, patriarcal, racista, hierárquica, violenta do país, fundado em cima do genocídio indígena e da escravidão. Quando um país não acerta contas com sua história, os fantasmas não param de assombrar o presente. Aqui nunca houve revolução que transformasse substancialmente as estruturas iníquas que nos caracterizam desde a colônia; em contrapartida, o medo pânico dos donos do dinheiro ao mínimo piparote na ordem estabelecida nos leva a sermos o país da contrarrevolução permanente, como dizia Florestan Fernandes.

Assim, se fizermos uma comparação rápida entre a virada do século XIX para o XX, época em viveu Rosa Luxemburgo, e o nosso tempo, constatamos que as tarefas da esquerda são hoje bem mais complexas do que há cem anos. Mas, apesar disso, talvez não seja descabido evocar as semelhanças entre a crise contemporânea e o período da Primeira Guerra mundial, que pôs de ponta-cabeça o mundo existente até então.

Luxemburgo, fina analista do desenvolvimento capitalista de seu tempo, se dá conta, apesar da surpresa momentânea pela eclosão do conflito, de que o mundo em que fora criada tinha virado do avesso. Embora a estrutura do edifício burguês-capitalista estivesse podre, o que ela não cansou de denunciar desde o começo do século XX, só a guerra tornou evidente a extensão da catástrofe. A partir daí Rosa adota o lema “socialismo ou barbárie”. Nessas condições, os socialistas precisavam seguir uma tática mais radical, não era mais possível uma política de conciliação com os partidos que apoiavam o imperialismo e a política belicista do governo imperial.

Luxemburgo reconhece a enorme dificuldade que a esquerda radical enfrenta, uma vez que o apoio à guerra não viera só das lideranças, nem da bancada parlamentar da social-democracia, mas também dos trabalhadores. Em outros

⁵ Na época do nazismo eram os judeus; hoje são todos os que se opõem: estudantes, movimentos sociais, mulheres, LGBT, populações tradicionais, refugiados, etc.

termos, ela se dá conta de que a ideologia nacionalista havia conquistado os corações e as mentes dos trabalhadores, e assim talvez o horizonte socialista fosse inalcançável, sobretudo se houvesse uma nova guerra mundial. Isso é o que ela pensa em 1916, atordoada com a eclosão da Primeira Guerra e o chauvinismo dos trabalhadores. Porém, como dirigente revolucionária, seu papel é instigar as classes dominadas a resistir à onda chauvinista e a lutar em prol do socialismo. A partir dessa época andam juntos nos seus escritos um tom pessimista proveniente da análise objetiva da situação mundial, e, ao mesmo tempo, um traço otimista também decorrente dessa análise. Afinal, a guerra não pode durar para sempre, e a aposta no socialismo é de fato a única alternativa à barbárie capitalista.

Teoria e prática revolucionária em Rosa Luxemburgo⁶

“... quanto mais a indignidade e a monstruosidade que acontecem todos os dias ultrapassam todos os limites e todas as medidas, mais tranquila e firme interiormente eu me sinto, do mesmo modo que diante de um elemento, uma nevasca, uma inundação, um eclipse do sol, não podemos empregar critérios morais, e apenas podemos tomá-los como algo dado, como objeto de investigação e conhecimento.”
Rosa Luxemburgo a Sonia Liebknecht, depois de 16.11.1917 (LUXEMBURGO, 2017c, p.309).

Uma boa chave para entender o empreendimento de Rosa Luxemburgo é dada por Lukács em *História e consciência de classe* (1975a, p.47): “É característico da unidade entre teoria e prática na obra de Rosa Luxemburgo o fato de que essa unidade de vitória e derrota, destino individual e processo total constitua o fio condutor de sua teoria e de sua conduta.” Troquemos em miúdos a frase do filósofo húngaro.

Rosa entende o marxismo, e, portanto, a sua própria maneira de se apropriar do marxismo, como uma concepção de mundo em que teoria e prática se encontram unidas. A melhor discípula de Marx seria assim a encarnação viva do marxismo como teoria da práxis. Entretanto, a unidade entre teoria e prática pode ser entendida de duas maneiras: ou a teoria é entendida como teoria para a prática, isto é, o marxismo seria uma teoria que a classe trabalhadora adota como guia para a ação, e, nesse sentido, seria, em alguma medida, externa à luta de classes; ou a teoria é entendida como teoria da prática, quer dizer, o marxismo é compreendido como expressão

⁶ Retomo ideias desenvolvidas em LOUREIRO (1996/2019).

efetiva do movimento da classe trabalhadora, de tal maneira que a classe pode reconhecer-se na teoria.

Rosa Luxemburgo, assim como Marx, tem uma concepção dialética da história, segundo a qual as forças estruturais do desenvolvimento capitalista são resultado da ação humana, não tendo a função de leis ao estilo das leis da natureza. As leis aqui são tendências. Nessa medida, Luxemburgo está longe do determinismo fatalista característico da Segunda Internacional, cuja expressão mais característica está sintetizada no dito de Plekhanov: a vitória do nosso programa é tão certa quanto o nascer do sol amanhã. Mesmo teses problemáticas, como a do necessário colapso do capitalismo, não têm sentido determinista no interior de uma visão de mundo em que a ação humana é determinante. Rosa não só enfatiza o papel da ação humana na história como sugere que as leis da história atuam por meio da decisão individual. Para usarmos uma formulação de Adorno (1989, p.302): assim como a história relegou os indivíduos “ao plano de simples executantes, de simples participantes da riqueza social e do combate social, também, com não menos realidade, ela nada seria sem eles e a sua espontaneidade. Marx nunca deixou de frisar esse aspecto antinômico (...).”

Aspecto antinômico que Rosa procura captar recorrendo a Marx e a Lassalle: o primeiro, por fazer análise macro do desenvolvimento capitalista, o segundo, porque, como homem da “ação audaz”, funda o partido. Essa antinomia se exprime na sua teoria política da seguinte maneira: nos momentos revolucionários, a ação das massas populares é expressão das leis da história, há unidade imediata entre teoria e prática, e esta é entendida como teoria da prática. Em contrapartida, no período de refluxo de 1914 a 1917, as leis da história – Rosa usa a metáfora da toupeira da história – continuam seu trabalho até que a prática fique novamente de acordo com a teoria. Aqui desaparece a unidade imediata entre teoria e prática. A teoria é o polo imóvel que conserva a verdade revolucionária contra o apoio das classes populares e da social-democracia ao imperialismo alemão. Aqui temos a teoria para a prática. Os dois polos – as leis do desenvolvimento capitalista, a economia, por um lado, e a “ação audaz”, a decisão individual, a vontade política, por outro – constituem a trama da teoria e da prática de Rosa Luxemburgo. Às vezes encontram-se em equilíbrio, às vezes não. São duas linhas mestras, às vezes não mediadas, em constante tensão.

Vejamos uma outra maneira de traduzir essa tensão entre teoria e prática na obra da nossa revolucionária. Como sabemos, Rosa é herdeira de Marx. Em Marx também existe uma tensão entre duas perspectivas “muito diferentes” que ele procura articular em todos os textos: entre a “lógica do capital como sistema acabado”, que conduz o capitalismo “a dar necessariamente à luz um novo modo de produção”, e a “lógica estratégica do enfrentamento, isto é, da guerra das classes” (DARDOT, LAVAL, 2012, p.11).

Essa mesma tensão aparece nos textos de Luxemburgo: por um lado, a análise do modo de produção capitalista como sistema que, numa lógica implacável, gera as mais diversas mazelas e cujas contradições internas impedem sua sobrevivência a longo prazo, requerendo que seja substituído por outro sistema social que satisfaça as necessidades humanas: o socialismo. Aqui a teoria sabe “previamente” o caminho da história. Vejamos um trecho característico desse tipo de análise:

“Assim, um continente após outro, e em cada continente um país após outro, uma raça após outra ficam inelutavelmente sob a dominação do capital. Com isso, inumeráveis milhões caem na proletarização, na escravidão, na insegurança da existência, em suma, na miséria [nota de RL: extermínio dos povos primitivos]. A instauração da economia capitalista mundial conduz a uma miséria cada vez maior, a uma carga de trabalho insuportável e a uma insegurança crescente da existência sobre toda a superfície do globo terrestre, à qual corresponde a concentração do capital em poucas mãos. A economia capitalista mundial implica que toda a humanidade se atrele sempre mais ao trabalho penoso sob inúmeras privações e sofrimentos, sob degeneração física e espiritual, para servir à acumulação do capital. O modo de produção capitalista tem a particularidade de que o consumo humano que, em todas as formas econômicas anteriores, era o fim, é apenas um meio a serviço do fim propriamente dito: a acumulação do lucro capitalista. O auto-crescimento do capital aparece como o começo e o fim, como fim em si e sentido de toda a produção. A loucura de tais relações só aparece na medida em que a produção capitalista se torna mundial. Aqui, à escala da economia mundial, o absurdo da economia capitalista atinge sua verdadeira expressão na imagem de uma humanidade inteira gemendo sob terríveis sofrimentos, presa ao jugo de uma força social cega, que ela mesma criou inconscientemente: o capital. O objetivo fundamental de toda forma social de produção: a manutenção da sociedade pelo trabalho, a satisfação das necessidades, aparece aqui completamente invertido, na medida em que a produção para o lucro e não para os seres humanos se torna lei em todo o globo terrestre (...)” (LUXEMBURGO, s/d, p.347-48, tradução modificada).

Por outro lado, a história da luta de classes, do protagonismo das massas populares, em que a experiência é a grande mestra dos oprimidos. Aqui não há saber prévio, a história é a história da luta de classes, em que umas ganham, outras perdem. Contra a indeterminação da ação histórica não há teoria nem ciência que garanta a vitória, há aposta na possibilidade de vencer. Traduzindo no tema da unidade entre teoria e prática temos, primeiro, a teoria para a prática, em seguida a teoria da prática. Rosa Luxemburgo procura articular essas duas perspectivas, tarefa em que é mais ou menos bem-sucedida a depender da ocasião.

Em *A crise da social-democracia* (1916), a análise da mundialização do capital como sinônimo de barbárie se repete: Rosa critica a violência do imperialismo, a destruição das antigas civilizações e das comunidades primitivas pelo capital, acrescentando que a modernização capitalista não significa “progresso” nem “civilização” para os povos que são destruídos pelo avanço do capitalismo. Mas, ao mesmo tempo, afirma que a “brutal marcha triunfal” do capital

[...] teve um lado luminoso: criou as precondições para o seu desaparecimento definitivo, produziu a dominação mundial capitalista, à qual só pode seguir-se a revolução socialista mundial. (...). Nesse sentido, em última análise, o imperialismo trabalhava para nós. A atual guerra mundial representa uma guinada nesse percurso. (LUXEMBURGO, 2017b, p.140-1).

Esta última constatação é uma novidade, assim como a palavra de ordem socialismo ou barbárie, formulada claramente a partir da guerra. Rosa está dizendo que o curso imperialista do mundo deixou de garantir a vitória do socialismo. Quais são os argumentos?

1. efeito bumerangue: a destrutividade do capitalismo exportada para as colônias, à qual o “mundo civilizado” era indiferente, chega agora à Europa com fúria redobrada, e nesse momento o “mundo civilizado” descobre “que a mordida das feras imperialistas é mortal” (id., p.142). Ou seja, o capitalismo não poupa nada nem ninguém na sua marcha em busca do lucro, ele não apresenta mais nenhum traço civilizador, por isso sua continuidade é o mesmo que barbárie.

2. o genocídio do proletariado europeu nos campos de batalha. O sujeito histórico que, em princípio, lutaria pela transformação radical da sociedade capitalista está desaparecendo. “Mais uma guerra mundial como esta e as perspectivas do socialismo ficarão enterradas sob as ruínas empilhadas pela barbárie imperialista.”

(id., p.143) Para Rosa, o fim do sujeito histórico é pensado em termos de morte física dos trabalhadores. Não lhe ocorre pensar na integração da classe operária ao capitalismo, fenômeno estudado posteriormente pelos filósofos da Escola de Frankfurt.

Protagonismo das massas populares, condição do socialismo

Para ilustrar o segundo polo que tece a dialética constituinte da obra de Luxemburgo lembremos, entre outros escritos, sua análise primorosa da luta de classes e do papel das massas populares em “Greve de massas, partido e sindicatos”. Nesse balanço da Revolução Russa de 1905, ela enfatiza o papel das massas populares fora das organizações políticas e como elas se conscientizam na luta.

É justamente por defender o protagonismo das massas (e não o das organizações) que Rosa Luxemburgo tem uma concepção democrática de socialismo. As massas populares devem participar ativamente tanto a) na organização política, quanto b) na sociedade, seja na sociedade burguesa, seja no período de transição ao socialismo, e, com mais forte razão ainda, na sociedade socialista.

a) No tema da organização política, lembremos sua crítica à concepção leninista de partido como uma vanguarda de revolucionários profissionais, centralizada e hierarquizada, em que domina o comitê central: “os erros cometidos por um movimento operário verdadeiramente revolucionário são, do ponto de vista histórico, infinitamente mais fecundos e valiosos que a infalibilidade do melhor ‘comitê central’.” (LUXEMBURGO, 2017a, p.175)

Lembremos também sua crítica à burocratização do SPD contra a qual ela reivindica “autonomia intelectual crescente” dos militantes, “autodeterminação e iniciativa”, “pensamento crítico”, “vida intelectual autônoma” da base do partido. Disciplina partidária não significa submissão das bases à direção: “a massa proletária não precisa de um ‘líder’ no sentido burguês, (...) ela em si é seu próprio líder.” (id., p.419, 421-2). Reparemos no vocabulário: autonomia intelectual é uma expressão recorrente sob sua pena. É uma filha do Iluminismo que fala, para quem a autonomia do pensamento é fundamental no processo de formação política. Para Rosa, o partido é mais um espaço de discussão intelectual e política, de esclarecimento, de convencimento por meio da argumentação, uma escola de socialismo, do que um

instrumento de conquista do poder, embora também o seja, desde que apoiado pela grande maioria da população.⁷ Rosa rejeita acima de tudo a substituição das massas por uma vanguarda supostamente esclarecida. Essa aversão à substituição das massas populares pela organização, ainda mais por uma pequena organização de vanguarda, é constituinte da filosofia política de Luxemburgo. Para ela nada pode, nem deve, substituir a decisão soberana das massas por si mesmas.

b) Participação das massas populares no processo de criação de uma sociedade socialista: “É preciso que toda a massa popular participe. Senão o socialismo é decretado, outorgado por uma dúzia de intelectuais fechados num gabinete.” (LUXEMBURGO, 2017b, p.207). Essa participação requer liberdade de imprensa, de associação e de reunião, ou seja, conquistas das revoluções burguesas no ocidente. Não se trata de eliminar as liberdades democráticas, pois elas são imprescindíveis para a formação política das massas populares, e sim de complementá-las pela igualdade social. Liberdade e igualdade, uma reivindicação mais atual do que nunca, por incrível que pareça. Além disso, as liberdades democráticas também são vitais para o fortalecimento dos soviets/conselhos. Sem liberdade, “só a burocracia subsiste como o único elemento ativo” (id., p.208-9). Vida pública, espaço público proletário (ou popular) é um conceito determinante no pensamento político da nossa autora.

Em resumo, revolução não consiste na troca de homens no poder, não é sinônimo de derramamento de sangue, de tumulto de rua, mas consiste na instituição da mais ampla democracia e de uma vida econômica para além do capitalismo, a partir de baixo, com a participação ativa, irrestrita, das amplas massas populares.⁸ Os conselhos que surgiram na época da Revolução Alemã corporificavam a nova forma de soberania popular. Para ela, o Estado operário, diferentemente do que pensava

⁷ Na época do debate com Bernstein, Luxemburgo defende a disciplina partidária contra os revisionistas. Ela considera que existe grande liberdade de crítica no SPD e que, por isso mesmo, não se pode pôr em risco o programa do partido, aquilo que havia sido decidido pela maioria. “Não somos um clube de discussão, mas um partido político combativo.” (LUXEMBURGO, 1982, p.574). Essa ideia não se opõe para Rosa à concepção de partido como escola de socialismo.

⁸ Uma boa imagem plástica que ilustra como Rosa entendia as massas em ação aparece no filme de Eisenstein, *O encouraçado Potemkin*. Mas é claro que não podemos esquecer que a ação das massas populares também pode levar à tirania e ao totalitarismo, como a história do século XX tão bem mostrou. Rosa, apesar de distante da questão, tem certa consciência do problema, como revela numa carta à amiga Mathilde Wurm, escrita da prisão de Wronke, em 16 de fevereiro de 1917: “(...) a psique das massas esconde muitas vezes em si, como Thalassa, o mar eterno, todas as possibilidades latentes: calma mortal e tempestade ruidosa, a mais baixa covardia e o heroísmo mais feroz.” (LUXEMBURGO, 2017c, p.236).

Lenin, não é o Estado burguês (um instrumento para oprimir as massas) de ponta-cabeça, mas um não-Estado. Isto é, a sociedade socialista será uma sociedade autogovernada pelas massas populares politicamente formadas, ou não será nada. E a formação política só é possível num clima de completa liberdade de expressão, organização e reunião.

Como vemos, Rosa põe o dedo no círculo vicioso das revoluções no século XX. Uma revolução autêntica carece de povo politicamente formado, mas essa formação tem como pré-condição a tomada do poder. Como aqueles que não são nada podem tornar-se tudo? A ideia de Rosa Luxemburgo, de grande atualidade, é que uma sociedade socialista – ou seja, alicerçada na soberania popular – será criação autônoma das massas ou não se poderá falar em socialismo nem em democracia, processo demorado de contra-hegemonia que começa já na sociedade capitalista. Por isso, ela não opõe reforma e revolução, mas tece entre ambas uma dialética que se traduz no que chama de Realpolitik revolucionária (LUXEMBURGO, 2017a, p.136).

Rosa Luxemburgo na Revolução Alemã

Voltando ao tema da teoria e prática e ao comportamento ambíguo (ou contraditório) de Rosa Luxemburgo no período da Revolução Alemã. Nessa época, no jornal *Die Rote Fahne*, Rosa adere à ação audaz, e é acusada de voluntarismo. Ela exprime-se como agitadora, para encorajar os militantes e manter vivo o entusiasmo das massas. Afinal, no âmbito da luta de classes, esse é o papel da retórica revolucionária. Privadamente ela se manifesta contra a insurreição de janeiro em Berlim por considerá-la prematura e fadada a fracassar. A análise do desenvolvimento capitalista na Alemanha, do papel conservador tanto do SPD quanto da classe operária mostrava que o país, paradoxalmente em comparação com a Rússia, não estava ainda maduro para uma revolução socialista. Durante a revolução alemã Rosa oscila entre um comportamento voluntarista, audaz – é preciso fazer a revolução a qualquer preço –, bastante irrealista, apegado aos princípios revolucionários, e um comportamento moderado, que leva em conta a real correlação de forças, desfavorável à classe trabalhadora.

Entretanto, é preciso frisar, a defesa da “ação audaz” não significa que Rosa seja golpista. Para ela, como vimos, a transformação estrutural da sociedade capitalista só podia ser levada a bom termo com a participação ativa das massas populares. Em épocas de paz, a formação de uma maioria de esquerda é um processo demorado de convencimento ideológico, que usa inclusive a luta parlamentar, a luta quotidiana por reformas visando à melhoria das condições de vida dos trabalhadores para se fortalecer. Nos períodos revolucionários, esse processo de formação de uma maioria revolucionária se acelera drasticamente, como ela observou durante a Revolução Russa de 1905. É nisso que a adepta da “ação audaz” aposta durante a revolução de novembro de 1918 na Alemanha. Aposta implica risco, possibilidade de derrota, mas também esperança de vitória. Aqui estamos no terreno do imponderável. Rosa aposta que é possível construir rapidamente essa maioria, que os conselhos espontaneamente formados no começo da revolução caminham na direção do socialismo, se tiverem tempo e liberdade para desenvolverem suas atividades. Os artigos da Rote Fahne têm esse objetivo. Ou seja, não se trata de esperar pacientemente pela maturidade ou pela consciência crítica das massas, e sim de criar essa maturidade na ação. Tempo é fundamental para que as massas aprendam com a experiência.

Da minha perspectiva, esse é o dilema de Rosa Luxemburgo e dos revolucionários de modo geral, até mesmo dos que se consideram “donos da verdade”. Apesar do perigo da derrota, o revolucionário é guiado pelo imperativo da ação, uma vez que o resultado não pode ser previsto de antemão em todos os detalhes. A política é uma arte, não uma ciência, implica aposta e risco e, no momento da ação, o revolucionário não tem qualquer garantia. O risco faz parte da arte da política. Como dizia Merleau-Ponty no Prefácio às Aventuras da dialética (1954), a política “não é um capítulo de uma história universal já escrita. Ela é uma ação que se inventa. (...) o verdadeiro revolucionário (...) navega sem mapa e com os olhos postos no presente.” Ele precisa estar atento para não perder o momento oportuno, o instante, o imprevisto. Audácia e iniciativa são cruciais. Até onde posso perceber, esse equilíbrio instável entre teoria e prática, que chamei de tensão, é um dilema insolúvel. Não existe teoria revolucionária nem mágica dialética que o elimine.

Mas o fato é que o comportamento político de Rosa Luxemburgo nessa época provoca até hoje polêmicas apaixonadas (LUBAN, 2008). Os seus adversários

conservadores, focados unicamente no papel da agitadora revolucionária – que quer apressar o fim da história e não se eximiria de empregar métodos violentos com esse objetivo –, veem numa notória antagonista do terror uma partidária da violência. Já os simpatizantes limitam-se a indicar sua reserva (e a da liderança comunista) no tocante à insurreição de janeiro. No meu entender, ambas as leituras são parciais. Se quisermos explicar o comportamento político de Rosa nesses quase três meses é preciso entender que a teórica marxista convive com a agitadora revolucionária.

E mais: a revolução entendida como processo lento de amadurecimento de uma contra-hegemonia – como já foi dito, Rosa era hostil ao golpismo – não se opunha à ideia da tomada do poder, desde que apoiada pela “vontade clara e inequívoca da grande maioria da massa proletária em toda a Alemanha.” (LUXEMBURGO, 2017b, p.298). Como revolucionária assumida, Rosa não poderia ter agido de outra forma. No momento da ação, o revolucionário aposta que o caminho escolhido levará à vitória. É uma aposta, não uma garantia. Nesse sentido, os dilemas existentes na esfera da prática não podem ser resolvidos por nenhuma teoria prévia, nem por nenhuma “dialética histórica”. Eles fazem parte do que Rosa, referindo-se a Marx, chama de “Realpolitik revolucionária”: uma política que não separa reforma e revolução, enraizada nos problemas do presente e, ao mesmo tempo, com os olhos postos na transformação radical da sociedade. A tensão entre essas duas perspectivas da teoria de Marx foi muito bem captada por Merleau-Ponty (1947, p.195):

O marxismo era em primeiro lugar a ideia de que a história tem dois polos, que há, de um lado, a audácia, a preponderância do futuro, a vontade de fazer a humanidade, de outro, a prudência, a preponderância do passado, o espírito de conservação, o respeito às ‘leis eternas’ da sociedade.

Elevando ao máximo a tensão que atravessa a teoria de Marx, a obra e a vida de Rosa Luxemburgo encarnam de modo exemplar a tentativa dramática de manter unidos realismo e utopia, o que é e o que pode ser.

Epílogo: solidariedade com todos os seres vivos

A solidariedade com os “humilhados e ofendidos” é um aspecto da personalidade de Rosa Luxemburgo que chama a atenção de todos os biógrafos, donde o emprego frequente do epíteto “humanista” para se referir à sua concepção

de socialismo. Esse traço aparece claramente em alguns artigos, como por exemplo, quando lamenta a morte dos sem-teto na noite de Natal, envenenados por arenque estragado (LUXEMBURGO, 2015, p.113), ou as condições carcerárias desumanas dos presos comuns (LUXEMBURGO, 2017b, p.239). Nos artigos a partir da Primeira Guerra mundial, aparece com frequência o lamento pelo genocídio absurdo dos soldados, trabalhadores fardados que em vez de confraternizarem, se matam uns aos outros nas trincheiras. Além disso, nas obras de economia política, Rosa revela viva indignação com os colonizadores europeus que infligiram os mais horríveis sacrifícios aos povos que subjugaram, referindo-se amiúde aos negros escravizados e aos índios massacrados, tudo em nome do “progresso” e da “civilização”.

O que você quer com as dores específicas dos judeus? Eu me sinto igualmente próxima das pobres vítimas das plantações de borracha em Putumayo, dos negros da África, de cujos corpos os europeus fazem gato e sapato. Você ainda se lembra das palavras na obra do grande estado-maior sobre a campanha de Trotha no Kalahari? ‘E os estertores dos agonizantes, o grito insano dos que morriam de sede ecoavam no silêncio sublime da infinitude.’ Oh, esse ‘silêncio sublime da infinitude’ no qual tantos gritos ecoam sem ser ouvidos, ele soa em mim com tanta força que não reservo nenhum cantinho especial no coração para o gueto: eu me sinto em casa no mundo todo, onde quer que haja nuvens e pássaros e lágrimas humanas (LUXEMBURGO, 2017c, p.237).

Socialismo humanista. Mas o que estou querendo sugerir vai além disso. Rosa era visceralmente ligada à natureza, um traço comum aos românticos. Nisso ela é filha do século XIX, tendo ao mesmo tempo características modernistas (defesa da modernização capitalista) e românticas (rejeição do que há de desumano na civilização industrial-capitalista). Quem percebeu muito bem esse traço romântico em Luxemburgo foi Lukács (1975b), que considera os equívocos dela na crítica aos bolcheviques como decorrentes de sua concepção orgânica da história que rejeitaria a o terror na revolução em favor de um processo de amadurecimento lento, orgânico, das classes subalternas. Segundo Lukács, Rosa teria como modelo de transição ao socialismo a passagem do feudalismo ao capitalismo. E por isso não veria que os instrumentos por excelência da revolução proletária seriam o partido-vanguarda leninista e os soviets.

Lukács tem razão ao apontar o organicismo constituinte da visão de mundo da nossa personagem, desde que isso não seja confundido com evolucionismo. Afinal,

Rosa defende a formação da maioria pela tática revolucionária, e não como o “cretinismo parlamentar” do SPD e dos mencheviques, que esperavam a formação da maioria por meio de reformas no parlamento, ou defendiam o socialismo como resultado de um acúmulo gradativo de reformas dentro da ordem capitalista.

Numa carta a Clara Zetkin (09/03/1916), Rosa confirma a interpretação de Lukács:

No geral, sou favorável a que as coisas sejam feitas antes de maneira lenta e profunda do que rápida e superficialmente. É todo um aprendizado político que as nossas massas precisam fazer, e isso precisa de tempo. Ter paciência, mesmo que não seja confortável, é um dever dos políticos e dos líderes em tempos de transição como o nosso. (LUXEMBURGO, 2017c, p.207).

O organicismo de Rosa decorre, em parte, de uma característica psicológica muito profunda: sua ligação visceral com a natureza. Em Zurique ela começa por se inscrever em ciências naturais, depois Leo Jogiches a convence a cursar “ciência política” (ela se inscreve em economia política, filosofia e estatística). Mas por inclinação teria sido bióloga, zoóloga, talvez botânica. Seu amor pelas plantas é tanto que faz um herbário ao longo dos anos, de maio de 1913 a outubro de 1918 (LUXEMBURGO, 2016). Nas cartas da prisão, como não podia falar de política, fazia longas explicações sobre a natureza: aves, nuvens, plantas, insetos. Numa carta célebre, em que descreve com grande sensibilidade a dor de um búfalo que espancado por um soldado começa a sangrar, Rosa se associa ao sofrimento do animal:

Eu estava diante dele, e o animal me olhava, meus olhos se encheram de lágrimas – eram as lágrimas dele, ninguém pode estremecer mais dolorosamente pelo irmão mais querido do que eu em minha impotência por aquele sofrimento mudo. (...). Oh, meu pobre búfalo, meu pobre irmão amado, nós dois estamos aqui impotentes e mudos e somos um só na dor, na impotência, na saudade. (LUXEMBURGO, 2017c, p.334-5)

Em vez de subestimarmos esse traço de personalidade como mero detalhe biográfico, trata-se de perceber que as cartas revelam uma personagem preocupada com o destino de todas as formas de vida, elemento central de uma concepção de socialismo para além do humanismo, mais do que urgente nesta era de violenta destruição do equilíbrio ecológico do planeta. O valor que ela confere a todos os seres vivos é tão parte dela mesma quanto a fé de que a humanidade lutará com todas as

energias para não perecer na barbárie capitalista. A ideia da necessária relação fraterna entre os seres humanos e a natureza é de grande atualidade e absolutamente necessária para a reconstrução da esquerda nos dias de hoje. E também aqui a nossa Rosa vermelha tem o que dizer.

Referências

ADORNO, T. W. **Dialéctica negativa**. Madrid: Taurus, 1989.

DARDOT, P., LAVAL, C. **La nouvelle raison du monde – essai sur la société néolibérale**. Paris: La Découverte, 2010.

———. **Marx, prénom: Karl**. Paris: Gallimard, 2012.

———. **A “nova” fase do neoliberalismo**, 2019. In: <file:///Users/mac/Documents/Textos/RL%20Stiftung/GRUPO%20DE%20ESTUDOS/2019/Morte%20das%20democracias/Dardot%20e%20Laval%20a%20nova%20fase%20do%20neoliberalismo%20-%20Outras%20Palavras.htm>

LOUREIRO, I. **Rosa Luxemburgo, os dilemas da ação revolucionária**. São Paulo: Editora UNESP, 1996, 2019 (Terceira edição).

LUBAN, O. **Die ratlose Rosa. Die KPF-Führung im Berliner Januaraufstand 1919. Legende und Wirklichkeit**. In: LUBAN, O. Rosa Luxemburgs Demokratiekonzept. Leipzig: Rosa-Luxemburg-Stiftung Sachsen, 2008.

LUKÁCS, G. **Rosa Luxemburg como marxista**. In: ———. Historia y consciencia de clase. Barcelona: Grijalbo, 1975a.

———. **Observaciones acerca de la Crítica de la Revolución Rusa de Rosa Luxemburg**. In: ———. Historia y consciencia de clase. Barcelona: Grijalbo, 1975b.

LUXEMBURGO, R. **Parteitag der Sozialdemokratie 1899 in Hannover**. In: ———. Gesammelte Werke 1/1. Berlin: Dietz, 1982.

———. **No albergue**. In: SCHÜTRUMPF, J. Rosa Luxemburgo ou o preço da liberdade. São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo, 2015.

———. **Herbarium**. Berlin: Dietz, 2016.

———. **Textos escolhidos**, vol. I. São Paulo: Editora UNESP, 2017 a.

———. **Textos escolhidos**, vol. II. São Paulo: Editora UNESP, 2017b.

———. **Cartas**, vol. III. São Paulo: Editora UNESP, 2017c.

———. **Introdução à economia política**. São Paulo: Martins Fontes, s/d.

MERLEAU-PONTY, M. **Humanisme et terreur**. Paris: Gallimard, 1947.

———. **Les aventures de la dialectique**. Paris: Gallimard, 1954.